

Administrar a liberdade

O PROGRAMA de estabilização atravessará nas próximas semanas a sua fase mais delicada. Com a divulgação dos índices de preços de março, que já refletem o período do congelamento, as medidas de desindexação tomadas pelo Governo passarão por duro teste no mercado.

SE os investidores continuarem fazendo aplicações nos fundos, cadernetas de poupança e outros ativos remunerados com base na TR (Taxa de Referência), o programa terá recebido a prova de confiança que precisa. Mas se esses rendimentos se mostrarem desacreditados, os recursos podem se dirigir inteiramente para o consumo, exacerbando a demanda exatamente no momento em que surgem sinais de desabastecimento.

A EXPERIÊNCIA já demonstrou que nenhum congelamento resiste por muito tempo, ainda mais após um forte ajuste de tarifas e preços públicos, que são componente de custo praticamente em todos os setores da economia. Mas sempre existe a tentação de as autoridades esticarem

demais a corda. O resultado do excesso costuma ser lastimável: a inflação represada volta com toda a força, pondo a perder o esforço anterior.

AS autoridades econômicas têm bom termômetro para aferir a tensão da corda: basta observar a regularidade do abastecimento de diferentes produtos. As pressões sobre a taxa de câmbio são também um confiável instrumento de aferição. Se o Banco Central precisar intervir no mercado além do necessário para evitar manobras especulativas de alguns grupos, é porque o represamento dos preços se revelou exagerado.

O AMBIENTE econômico, no entanto, está sendo favorável para a administração do descongelamento. Os preços de produtos que estiveram fora do congelamento — como hortigranjeiros — oscilaram durante as últimas semanas e o próprio mercado tem controlado as variações. Os chamados serviços pessoais têm-se comportado como se a economia permanecesse inteiramente livre. As escolas ajustaram mensalidades — a maioria com a aquiescência

dos pais de alunos, pois todos constataram que os planos anteriores quase fizeram desaparecer o ensino particular. E foram autorizados alguns reajustes para setores que visivelmente ficaram defasados na data do congelamento.

ATRAVÉS dessas válvulas de escape, pode-se perceber que a economia hoje trabalha com uma inflação embutida da ordem de 5 a 10% ao mês, por força de desequilíbrios estruturais acumulados ao longo de muitos anos. Da mesma maneira que é inaceitável uma inflação no patamar de 20% ao mês (os desequilíbrios não justificam tamanha aceleração), as autoridades não podem ignorar as dificuldades estruturais ao administrarem o programa de estabilização.

HÁ muitos e grandes problemas pela frente; a questão é não esmorecer e saber administrar a liberdade. E os agentes econômicos são os maiores interessados em que essa administração seja conduzida com eficiência: todos estão saturados do processo recessivo que tanto tem castigado o País.